

Candidatura já está nas ruas

“Se eu serei candidato? Isso quem vai dizer é o meu partido, o PMDB, e se eu ganharei as eleições, quem vai dizer é o povo”. As declarações são do ex-deputado e secretário-geral do PMDB/DF, Múcio Athayde, um dos prováveis nomes a disputar a primeira eleição direta para o Governo do Distrito Federal. As vésperas da definição desta questão pela Constituinte, ele acredita que a proposta será aprovada por mais de 400 votos em plenário, como resultado do lobby que representantes de todos os partidos políticos no DF vêm fazendo junto aos membros da Assembléia. Ele diz que este trabalho é para mostrar que “o povo quer votar já, pois não admite mais governador biômico”.

Na realidade, o provável candidato não está no compasso de espera que sugere em suas declarações. Ele mesmo admite que, “andando pelo meio da rua e pelos diretórios, parece que os companheiros querem indicar o nosso nome para disputar o Governo do Distrito Federal”. Adianta ainda que não é só o PMDB que quer lançar “a minha candidatura”, mas que já recebeu convite de outros partidos para fazer coligações. Só não diz que legendas são estas porque os convites ainda não são oficiais.

“Eu espero que, se tivermos



Múcio Athayde

que partir para segundo turno, seja com um bloco de partidos para a vitória”, admite, sem definir a tendência ideológica desta provável coligação de forças.

“Eu acho que ao povo não está interessando muito este problema de esquerda, centro, liberal, centro-esquerda. Ao povo interessa uma pessoa que conheça Brasília, como um motorista de táxi conhece, palmo a palmo. Que saiba onde está o sofrimentodas classes carentes; que conheça as satélites, as favelas, as invasões, o Plano Piloto. E todos os problemas de transporte, segurança, saúde,

educação, moradia”, diz ainda. Ele acha que as eleições diretas vão possibilitar “remodelar tudo isto”.

Múcio chega até a dar a receita de como deve ser o trabalho diário do governador eleito diretamente: começar o dia trabalhando nas cidades-satélites, que representam dois terços do Distrito Federal, só depois ir para o Palácio, percorrer o Plano Piloto de ponta a ponta, as invasões, as favelas. “É preciso dar outra dinâmica. Tem que ser um Governo integrado com toda a comunidade, buscando sugestão para a solução dos problemas junto às associações de moradores, de inquilinos, do comércio, dos carroceiros, dos empresários. Estas pessoas serão chamadas, preferencialmente, para dar as informações e inclusive participar do Governo em cargos executivos”.

Para a primeira eleição ao GDF, ele tem a seu favor todos os diretórios zonais e a Executiva do PMDB/DF, compostos por membros da sua chapa Pró-PMDB. E é desta base que sairá a indicação do partido para a disputa eleitoral. “Se os nossos companheiros indicarem o nosso nome, nós aceitaremos”, diz ele. “Qualquer membro de um partido que é chamado a ocupar um cargo deve aceitar, porque isto é antes de tudo uma obrigação”.